

PHILIP NORMAN

Mick Jagger

Tradução

Álvaro Hattnher

Claudio Carina



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Philip Norman

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Mick Jagger

Capa

Alceu Nunes

Foto de capa

© Marcia Resnick/ Retna

Preparação

Jacob Lebensztayn

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Adriana Cristina Bairrada

Luciane Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Norman, Philip

Mick Jagger / Philip Norman; tradução Álvaro Hattnher, Cláudio Carina. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Título original: Mick Jagger.

Bibliografia

ISBN 978-85-359-2177-9

1. Jagger, Mick 2. Músicos de rock – Inglaterra – Biografia 1.
Título.

12-10693

CDD-782.42166092

Índice para catálogo sistemático:

1. Músicos de rock: Biografia e obra 782.42166092

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Agradecimentos.	11
Prólogo — Simpatia pelo velho diabo.	15

PARTE 1: “O BLUES ESTÁ NELE”

1. O menino da seringueira da Índia.	27
2. O garoto de cardigã.	51
3. “Indolentes muito brilhantes e altamente motivados”.	79
4. “Autoestima? Ele não tinha isso”.	100
5. “‘Que moleque mais atrevido’, pensei comigo mesma”.	123
6. “Passávamos um bocado de tempo na cama fazendo palavras cruzadas”.	148
7. “A gente mija em qualquer lugar, cara”.	181
8. Segredos do esconderijo das estrelas pop.	211
9. A borboleta ardilosa.	244
10. “Mick Jagger, Fred Engels e brigas de rua”.	268

PARTE 2: A TIRANIA DO COOL

11. “‘O bebê morreu’, disse minha mulher”	299
12. Um dia meu príncipe vai chegar	325
13. Os colhões de um leão	356
14. “Tão letal quanto a alface da semana passada”	388
15. Amizade com benefícios	418
16. Os <i>Glamour Twins</i>	447
17. Homens velhos e selvagens, à espera de milagres	471
18. O doce cheiro do sucesso	503
19. O diário de um ninguém	520
20. Espírito errante	542
21. Deus me deu tudo	567
 Pós-escrito	 595
Créditos das imagens	597
Índice remissivo	601

Prólogo

Simpatia pelo velho diabo

A Academia Britânica de Artes de Cinema e Televisão (BAFTA) não costuma ser uma instituição controversa, mas em fevereiro de 2009 tornou-se alvo de indignadas manchetes dos tabloides. Como mestre de cerimônias de sua premiação cinematográfica anual — um evento considerado como o mais importante depois do Oscar de Hollywood —, a BAFTA escolheu Jonathan Ross, um apresentador desbocado e de cabelos desgrehados que na época era a figura mais notável da mídia eletrônica no Reino Unido. Algumas semanas antes, Ross havia ocupado o horário nobre de um programa de rádio da BBC para deixar uma série de mensagens obscenas na secretária eletrônica de Andrew Sachs, ex-ator da série de TV *Fawlty Towers*. Como resultado, foi suspenso por três meses de seus vários programas da BBC, enquanto o comediante Russell Brand, seu colega apresentador e cúmplice na travessura (que se vangloriou no ar de ter “bimbado” a neta de Sachs), cedeu às pressões e pediu demissão. Desde os anos 1990, a comédia na Grã-Bretanha tem sido conhecida como “o novo rock’n’roll”; e lá estavam dois de seus principais partícipes fazendo tudo para ser tão travessos quanto as estrelas de rock da velha escola.

Na noite da entrega dos prêmios na Royal Opera House, em Covent Garden, a plateia repleta de celebridades, que incluía Brad Pitt, Angelina Jolie, Meryl Streep, sir Ben Kingsley, Kevin Spacey e Kristin Scott-Thomas, teve duas surpresas

fora da lista de vencedores. A primeira foi que a linguagem chula que esperavam de Jonathan Ross veio de Mickey Rourke ao receber o prêmio de melhor ator por *O lutador*. Desgrenhado, barbado e quase incoerente — já que ser ator de cinema também exige que se faça parte do “novo rock’n’roll” —, Rourke agradeceu ao diretor sua segunda chance “depois de foder minha carreira durante quinze anos”, e ao seu agente “por me dizer aonde ir, o que fazer, quando fazer, o que comer, o que vestir e com quem trepar...”.

Depois de fazer graça e dizer que Rourke pagaria o mesmo preço que ele pelo “Bimbogate” e seria suspenso por três meses, Ross moderou o tom até parecer elogioso e reverente. Para a entrega da penúltima estatueta da noite, a de melhor filme, ele chamou “um ator e vocalista de uma das maiores bandas de rock da história”; alguém para quem este imponente auditório vermelho e dourado “deve parecer um lugarzinho pequeno” (e que, a propósito, poderia ter feito o escândalo de o “Bimbogate” parecer café pequeno). Quase de forma sacrílega, naquele templo de puros sons acústicos de Mozart, Wagner e Puccini, o sistema de som explodiu com a introdução de guitarra de “Brown sugar”, o hino roqueiro de 1971 às drogas, à escravidão e à cunilíngua inter-racial. Isso mesmo, o prêmio seria entregue por sir Mick Jagger.

A entrada de Jagger não foi um simples salto ao pódio, mas uma longa caminhada por um tapete vermelho desde os bastidores, para que os telespectadores pudessem sorver o milagre total. Os cabelos ainda bastos, com um jovem corte retrô à la anos 1960, sem a menor mácula de cinza. O discreto paletó de alta-costura, usado em deferência à ocasião, enfatizava também com sutileza a elasticidade do torso enxuto e o andar atlético e ágil. Só o rosto traía os 65 anos de idade, nascido no auge da Segunda Guerra Mundial — os famosos lábios, que já se disse serem capazes de “chupar um ovo do cu de uma galinha”, agora enrugados e exangues; as faces marcadas de fissuras tão largas e profundas que parecem terríveis cicatrizes combinando.

A ovação com que foi recebido pertencia menos à Royal Opera House ou à Associação Britânica de Artes de Cinema e Televisão do que a algum espaço aberto gigantesco como Wembley ou o Dodger Stadium. Apesar de toda a proliferação de “novos” gêneros de rock’n’roll, todo mundo sabe que só existe um tipo genuíno, e que Mick Jagger continua sendo sua inigualável encarnação. Ele respondeu aos aplausos com seu irresistível sorriso, um roufenho “Olá!” e um

lampejo improvisado da subversão dos Rolling Stone: “Viram só? Vocês acharam que o Jonathan ia ‘foder’ tudo, mas foi o Mickey quem fez isso...”.

Depois a voz mudou, da forma como sempre muda para se adequar à ocasião. Durante décadas Jagger falou com o falso sotaque *cockney* conhecido como “mockney” ou “Estuary English”, cujas vogais alongadas e malformadas e a supressão das consoantes “t” são o distintivo do jovem maneiro na Grã-Bretanha moderna. Mas ali, em meio à nata da locução inglesa, a dicção dos “t” era cristalina, e cada “h” foi meticulosamente aspirado ao discorrer sobre a honra que sentia em estar ali aquela noite, antes de começar a contar como tudo aconteceu.

Seguiu-se uma piadinha, equilibrada com perfeição entre a gozação e a reverência. Lá estava ele, declarou,

no Programa de Intercâmbio entre estrelas do rock e do cinema [...]. Neste momento, “sir” Ben Kingsley (ironizando o título que também ostenta) estará cantando “Brown sugar” no Grammy [...], “sir” Anthony Hopkins encontra-se num estúdio de gravação com Amy Winehouse [...], “Lady” Judi Dench está destruindo quartos de hotéis em algum lugar dos Estados Unidos [...] e esperamos que na próxima semana ‘sir’ Brad e a família Pitt estejam apresentando *The sound of music* no Brit Awards.

(Corte para Kevin Spacey e Meryl Streep gargalhando e Angelina explicando a piada para Brad.)

Abrindo o envelope, ele anunciou que o prêmio para o melhor filme iria para *Quem quer ser um milionário*, de Danny Boyle — mais ou menos a forma como todo mundo costumava ver Mick. Mas não houve dúvida quanto ao verdadeiro vencedor. Jagger conseguiu seu maior sucesso desde... hã... “Start me up”, de 1981. “Não era fácil desglamourizar aquele lugar”, comentou um membro da academia, “mas ele conseguiu.”

Meio século antes, quando os Rolling Stones disputavam cabeça a cabeça com os Beatles, uma das principais perguntas que costumavam ser feitas ao jovem Mick Jagger na eterna busca de algo esclarecedor ou interessante sobre sua pessoa era: será que ele achava que continuaria cantando “Satisfaction” aos trinta anos de idade?

Naquele inocente início dos anos 1960, a música pop era exclusiva dos jovens e imaginava-se que estava inteiramente nas garras da inconstância da juventude.

Esperava-se que mesmo os empreendimentos mais bem-sucedidos — até os Beatles — passassem no máximo alguns meses no topo antes de serem atropelados por novos prediletos. Naquela época, ninguém adivinhava quantas daquelas aparentemente efêmeras canções ainda seriam ouvidas e tocadas pela vida afora, nem quantos daqueles cantores e bandas descartáveis ainda exerceriam seu ofício como idosos, recebidos com a mesma dedicação fanática enquanto ainda conseguissem cambalear pelo palco.

Em termos de longevidade, os Stones deixam todos os concorrentes para trás. Os Beatles mal duraram três anos como atração internacional ao vivo, e apenas nove ao todo (se descontarmos os dois anos que passaram envolvidos num acrimonioso rompimento). Outras bandas importantes dos anos 1960, como Led Zeppelin, Pink Floyd e The Who, quando não foram fraturadas por álcool ou drogas, se separaram com o passar do tempo, depois se reuniram, com o tédio terminal do antigo repertório e com seus integrantes mitigados pelas grandes propostas financeiras. Somente os Stones, outrora considerados os mais instáveis de todos, continuaram rolando de década a década, de um século a outro; fustigados pela morte sensacional de um dos integrantes e amargas demissões de outros dois (além de políticas internas que impressionariam os Médicos); deixando para trás gerações de esposas e amantes; sobrevivendo a dois empresários, nove primeiros-ministros da Inglaterra e um igual número de presidentes dos Estados Unidos; inatingíveis pela mudança das tendências musicais, de políticas de gênero e questões sociais; como sexagenários de alguma forma mantendo ainda o mesmo vapor sulfúrico de pecado e rebelião que tinham aos vinte anos. Os Beatles têm um charme eterno; os Stones nunca deixaram de ser cortantes.

Ao longo das décadas desde o seu apogeu, a essência da música pop pouco mudou. Cada nova geração de músicos toca os mesmos acordes na mesma ordem, adotando a mesma linguagem de amor, desejo e perda; cada nova geração de fãs procura o mesmo tipo de ídolo masculino com o mesmo tipo de apelo sensual, o mesmo repertório de gestos, atitudes e manifestações de elegância.

A noção de uma “banda” de rock — um conjunto de jovens músicos gozando de fama, riqueza e oportunidades sexuais jamais sonhadas por suas contrapartes históricas em regimentos militares ou minas de carvão — já estava bem estabelecida na época em que os Stones começaram, e não mudou uma vírgula desde então. Continua sendo verdade que embora a indústria pop seja principalmente ilusão, exploração e tendências, ainda que três décadas de rap pareçam ter

aniquilado qualquer necessidade de originalidade lírica ou melódica, os verdadeiros talentos continuarão a surgir e sempre resistirão. Desde sucessos evocativos como “Jumpin’ Jack Flash” ou “Street fighting man” aos primeiros temas obscuros como “Off the hook” ou “Play with fire” e as versões cover R&B anteriores, a música dos Stones continua soando fresca e cortante como se tivesse sido gravada ontem.

Eles continuam como exemplos para qualquer banda de sucesso — os mesmos garotos rebeldes, refestelando-se de forma indelicada num sofá sob rajadas de flashes, as mesmas velhas perguntas sendo gritadas por repórteres e as mesmas respostas jocosas devolvidas. O tipo de turnê que eles desenvolveram nos anos 1960 ainda é o que todos querem: jatinhos particulares, limusines, os entourage, as tietes, quartos de hotel destruídos. Por mais que esteja bem documentado o quanto isso se torna monótono e destrói a alma, nem o brilhante relato de Christopher Guest da estupidez de uma superbanda viajando em *This is Spinal Tap* consegue destruir a mística de “cair na estrada”, o eterno apelo do “sexo, drogas e rock’n’roll”. Porém, por mais que esses jovens discípulos tentem, jamais poderiam reproduzir a picada aberta pelos Stones no mundo mais inocente de quarenta e tantos anos atrás, nem atingir níveis comparáveis de arrogância, libertinagem, histeria, paranoia, violência, vandalismo e alegria maldosa.

Acima de todos, Mick Jagger, em qualquer idade, foi inimitável. Foi Jagger quem, mais do que qualquer outro, inventou o conceito de “estrela” do rock, em oposição a mero cantor de uma banda — uma figura destacada de seus parceiros músicos (uma grande inovação naqueles dias de grupos unificados como os Beatles, Hollies, Searchers e outros) que primeiro desencadeou, depois invadiu e controlou uma miríade de fantasias de grandes multidões. Keith Richards, outra figura de proa nos Stones, é um guitarrista original e talentoso, além de o mais improvável sobrevivente do mundo do rock, mas pertence à tradição de trovador, que se estende até Blind Lemon Jefferson e Django Reinhardt, Noel Gallagher e Pete Doherty. Jagger, por outro lado, fundou uma nova espécie, criando assim uma nova linguagem que nunca poderia ser melhorada. Entre seus rivais no mundo do rock, só Jim Morrison dos Doors encontrou um jeito diferente de cantar em um microfone, aninhando-o ternamente, como um passarinho assustado, e não o agitando no estilo de Jagger, como um falo. Desde os anos 1970, muitas outras bandas talentosas surgiram, com muitos seguidores internacionais e proeminentes intérpretes — Freddie Mercury do Queen, Holly Johnson de Frankie

Goes to Hollywood, Bono do U2, Michael Hutchence do INXS, Axl Rose do Guns 'n' Roses. Porém, por mais que conseguissem diferenciar-se nas gravações, quando subiam ao palco não tinham escolha a não ser seguir os passos firmes de Jagger.

Seu status como ícone sexual só se compara ao de Rodolfo “o sheik” Valentino, o astro do cinema mudo que provocava nas mulheres da década de 1920 palpitantes sonhos de serem atiradas na sela de um cavalo e levadas até à tenda de um beduíno no deserto. Com Jagger, a aura estava mais próxima dos grandes bailarinos, como Nijinsky e Nureyev, cuja aparência etérea era traída pelos lascivos olhares das bailarinas e do volumoso e protuberante volume nas calças justas. Os Stones foram uma das primeiras bandas de rock a ter um logotipo que, mesmo para a ousadia moral dos anos 1970, era bastante explícito — um desenho em vermelho vivo da boca de Jagger, os lábios cheios abertos com a mesma deselegância familiar, a língua para fora lambendo algo invisível que com certeza não era um sorvete. Essa “língua pendente” ainda permeia toda a literatura e o merchandising dos Stones, um símbolo de quem controla todos os departamentos. Aos olhos modernos, não poderia haver um monumento mais descarado ao velho chauvinismo masculino — mas continua acertando seu alvo. A maioria das mulheres liberadas do século XXI se agita ao som do nome de Jagger, enquanto as que ele cativou no século XX ainda pertencem a ele com todas as suas fibras. Quando eu estava começando este livro, mencionei o tema à minha vizinha ao lado durante um jantar, uma inglesa já madura, independente e de atitude digna. Sua resposta foi recriar a cena de *Harry e Sally* — *feitos um para o outro*, na qual Meg Ryan simula um orgasmo no meio de um restaurante lotado: “Mick Jagger? Ah... sim! YES, YES!”.

É comum que ícones sexuais fiquem aquém de sua imagem pública na vida privada: pensem em Mae West, Marilyn Monroe ou até em Elvis Presley. Mas no mundo altamente sensual do rock, nos anais do showbiz, a reputação de Jagger como um Casanova moderno é insuperável. É questionável que mesmo os grandes sedutores dos séculos passados tenham encontrado parceiras sexuais em números tão prodigiosos, ou se conseguiam contornar com tanta frequência as cansativas preliminares da sedução. E com certeza nenhum manteve, como Jagger, sua potência na meia-idade e na velhice. (Casanova já estava exausto aos 35 anos.) O que Swift chamou de “furor da virilha” agora é conhecido como vício em sexo e pode ser curado por terapia, mas Jagger nunca mostrou sinais de que considerasse isso um problema.

Observando-se sua fisionomia escarpada, não dá para imaginar o imenso banquete carnal em que se refestelou, e do qual ainda não se saciou... a interminável galeria de lindos rostos e olhos ciosos e brilhantes... as inúmeras sequências de cantadas, feitas e recebidas... as inúmeras interrupções em camas, sofás, almofadas empilhadas, pisos de vestiários, boxes de chuveiros ou bancos de limusines... as vozes sempre diferentes, cheiros, tons de pele e cores de cabelo... os nomes instantaneamente esquecidos, se é que chegaram a ser conhecidos... É comum homens mais velhos serem revisitados em sonhos, ou em fantasias, pelas mulheres que desejaram. Para ele, seria como uma daquelas antigas paradas do Exército soviético na praça Vermelha. E pelo menos uma das lindas soldadas está na plateia do BAFTA esta noite, sentada a bem menos que um milhão de quilômetros de Brad Pitt.

Por direito, os escândalos que ele protagonizou nos anos 1960 deveriam ter sido esquecidos décadas atrás, mitigados por efervescentes pecadilhos de astros pop atuais, jogadores de futebol, supermodelos e estrelas de reality shows. Mas os anos 1960 mantêm um fascínio indestrutível, principalmente entre os que são jovens demais para se lembrar deles — sintoma conhecido pelos psicólogos como “nostalgia sem lembranças”. Jagger personifica essa época “agitada” para a juventude da Grã-Bretanha, tanto sua liberdade como seu hedonismo e a reação que acabou provocando. Mesmo pessoas bem jovens de hoje ouviram falar de sua prisão por drogas em 1967, ou ao menos da barra de chocolate Mars de presença tão lasciva no caso. Poucos percebem a extensão da atitude vingativa do establishment britânico no chamado Verão do Amor; como o sagaz e bem-falante cavaleiro desta noite foi vilificado como um anticristo de cabelos longos, levado ao tribunal algemado e sujeito a um grotesco e espalhafatoso julgamento quase medieval antes de ser jogado na prisão.

Talvez Jagger seja o exemplo final do bem-amado estereótipo do showbiz, o sobrevivente. Mas, enquanto a maioria dos astros sobreviventes do rock’n’roll acabam como senhores encorpados com rabo-de-cavalo branco, ele permanece imutável — a não ser pelo rosto — desde o dia em que subiu ao palco pela primeira vez. Enquanto a maioria há muito embotou as próprias ideias com drogas e álcool, suas faculdades permanecem intactas, assim como seu celebrado instinto para o que está na moda, é maneiro e bacana. Enquanto muitos lamentam o dinheiro que perderam por terem sido enganados, ele continua no comando da banda que mais faturou na história, com sua sobrevivência conseguida tão so-

mente por sua determinação e sagacidade. Sem Mick, os Stones teriam acabado por volta de 1968; foi ele quem transformou uma turma de outsiders encardidos num tesouro nacional britânico tão legítimo quanto Shakespeare ou as areias brancas de Dover.

Porém, por trás de toda essa idolatria, riqueza e satisfação abundantes, permanece uma história de talento e promessa teimosamente irrealizada. Entre todos os seus contemporâneos dotados de meio cérebro, apenas John Lennon teve tantas oportunidades de sair dos confins do pop. Embora inegavelmente seja um ator, como foi apresentado por Jonathan Ross ao BAFTA, com créditos por papéis em filmes e na TV, Jagger poderia ter desenvolvido uma carreira paralela nas telas tão bem-sucedida quanto as de Presley ou Sinatra, talvez até mais. Poderia ter usado seu domínio da plateia para se tornar um político, talvez um líder como o mundo nunca houvesse visto — e ainda não viu. Poderia ter estendido o brilho (em geral negligenciado) de suas melhores letras de música em prosa ou poesia, como Bob Dylan e Paul McCartney o fizeram. No mínimo, poderia ter se tornado um artista solo de primeiro escalão em vez de apenas liderar uma banda. No entanto, por uma razão ou por outra, nada disso aconteceu. Sua carreira cinematográfica estagnou em 1970 e jamais foi reiniciada de forma significativa, apesar das dezenas de papéis saborosos que lhe foram oferecidos. Não fez mais que brincar com a ideia da política e nunca mostrou qualquer sinal de ser um escritor mais sério. Quanto à carreira solo, ele esperou até meados dos anos 1980 para tomar uma iniciativa, criando tamanho mal-estar entre os outros Stones, Keith em especial, que teve de escolher entre continuar ou ver a banda implodir. Como consequência, continua sendo apenas um líder e cantor, fazendo o mesmo que fazia aos dezoito anos de idade.

Existe também um enigma em como alguém capaz de fascinar tantos milhões, alguém tão inteligente e perspicaz, consegue ser tão pouco fascinante quando abre os tão celebrados lábios para falar. Desde que a mídia começou a perseguir Jagger, suas declarações oficiais mostram o mesmo tipo de brandura descomprometida associada à realeza britânica. Basta examinar qualquer das inúmeras compilações *Rolling Stones em suas próprias palavras*, publicadas nas últimas quatro décadas, para perceber que Mick é sempre o mais anódino e o que menos aparece. Em 1983, ele assinou um contrato com a editora britânica Weidenfeld and Nicolson para escrever sua autobiografia por uma então espantosa quantia de 1 milhão de libras. Poderia ter sido a memória do showbiz do século;

mas o manuscrito do ghost-writer foi considerado irremediavelmente chato pelos editores, e o pagamento inicial teve de ser devolvido por inteiro.

A explicação foi que ele “não conseguia se lembrar de nada”, e claro que isso não implica que não soubesse onde tinha nascido ou o nome da mãe, mas sim as coisas pessoais posteriores pelas quais Weidenfeld havia desembolsado 1 milhão e pelas quais qualquer editor hoje pagaria com prazer cinco vezes mais do que isso. Essa tem sido sua posição desde então, quando abordado para produzir outro livro ou pressionado por entrevistadores para contar mais detalhes. Desculpe, ele não se lembra; é tudo uma “névoa”.

Essa imagem de um homem cujas lembranças desapareceram trinta anos atrás como uma vítima precoce do Alzheimer é puro absurdo, como qualquer um que o conheça pode atestar. É um jeito apropriado de se livrar das coisas — algo que ele sempre transformou numa arte. Algo que o livra de tediosos meses trancado com um ghost-writer, de responder perguntas deselegantes sobre a sua vida sexual. Mas essa mesma limpeza do quadro-negro apaga altos e baixos sem igual entre qualquer outro em sua profissão. Como é possível se “esquecer”, digamos, de ter conhecido Andrew Loog Oldham, de ter vivido com Marianne Faithfull, ter recusado a se apresentar no palco giratório do London Palladium, sofrido truculências na prisão de Brixton, constado nos diários de Cecil Beaton, ser cuspidado nas ruas de Nova York ou inspirado um editorial do *Times* de Londres, ter evitado Allen Klein ou defendido os Hell’s Angels homicidas no festival de Altamont, ter se casado diante da mídia de massa do mundo em Saint Tropez ou ser fichado com impressões digitais em Rhode Island, fazer Steven Spielberg cair de joelhos em adulação, transformar Andy Warhol numa babá, ser perseguido por mulheres nuas com pelos púbicos pintados de verde em Montauk ou ter persuadido 250 mil pessoas no Hyde Park a ficarem caladas para ouvir um poema de Shelley?

Este é o persistente paradoxo de Mick: um vencedor supremo para quem todas as colossais realizações parecem não significar nada, um extrovertido supremo que prefere a discrição, um egoísta supremo que não gosta de falar de si mesmo. Charlie Watts, o baterista dos Stones e um dos menos afetados por toda a loucura, explica melhor: “Mick não se importa com o que aconteceu ontem. Só se importa com o amanhã”.

Então, vamos agitar esses dias de ontem na esperança de refrescar sua memória.